PRODUÇÃO DE TEXTOS NA ESCOLA: A IMPORTÂNCIA DA REESCRITA

ALVES-FILHO, Sebastião Carlúcio / Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí
cbastian2@gmail.com
PANIAGO, Maria de Lourdes Faria dos Santos / Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí / lurdinhapaniago@terra.com.br
PROLICEN/UFG

Palavras chaves: Reescrita; Produção de Textos; Universidade

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresento os resultados de um estudo que visou investigar a influência da prática da reescrita na melhoria da habilidade de produzir textos escritos dos alunos do curso de Letras da Universidade Federal de Goiás/Campus Jataí (UFG/CAJ).

Partindo das considerações feitas por Fernandes (2007, p. 01) de que um texto escrito "não é uma unidade fechada e, muito menos, um produto acabado, mas um trabalho linguístico e discursivo, processado por um enunciador num jogo que envolve escolhas, negociações de sentido e re-elaborações", é que foi proposto aos futuros professores de Língua Portuguesa que serão formados pela UFG/CAJ a utilização da reescrita como proposta de melhoria da formação acadêmica.

Antunes (2003, p.54) diz que

> A competência para escrever textos relevantes é uma conquista inteiramente possível. O mito de que somente sabem escrever as pessoas que nasceram com esse "dom" cai por terra numa análise aprofundada e objetiva. O dom de escrever é, na verdade, resultado de muita determinação, de muitas tentativas, de muita prática, afinal.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa, um escritor é considerado competente quando é capaz de olhar para o próprio texto e verificar se ele está confuso, ambíguo, incompleto, etc. É capaz de revisá-lo e reescrevê-lo até considerá-lo satisfatório para o momento.

Grande parte dos alunos de Letras entrou na universidade com dificuldade em produzir textos escritos. Segundo Fernandes (2007), uma das hipóteses que pode explicar esse "fracasso da redação" são as práticas educacionais adotadas pelas escolas de Ensino Médio que consideram a produção de textual apenas como uma forma de avaliar o aluno. Para constatar se isso realmente acontece foi feita uma pesquisa nas escolas de ensino médio de Jataí para tentar entender como se dá o ensino de produção de textos.

Ao mesmo tempo em que busquei conhecer as práticas em sala de aula nas escolas de ensino médio, ofereci ajuda aos alunos do curso de Letras da UFG/CAJ para que, com a prática da reescrita, pudessem melhorar sua capacidade de produzir textos escritos.

1.2 A PRODUÇÃO DE TEXTO E OS GÊNEROS TEXTUAIS

O texto, falado, ouvido, lido e escrito é (ao menos deveria ser) o objeto principal das aulas de língua portuguesa. Não tem sentido aprender os diversos conceitos gramaticais se não se sabe como usá-los em textos, e quais são as funções que esses termos exercem para que se mantenha coesão e coerência naquilo que se quer dizer (ANTUNES, 2005).

Para definir texto, Costa Val (2006) diz que este é uma unidade de linguagem em uso em um determinado contexto de interação. A autora também afirma que uma série de questões pragmáticas tem papel predominante na produção de um texto e contribui para a construção de seu sentido. Isso faz com que a produção escrita seja considerada um emprego normal da língua.

Marcucschi (2008) compara o texto a um tecido estruturado devido às relações que os fios têm entre si para formar o todo, assim como as palavras se relacionam para construir uma unidade significativa. O autor considera que o texto é uma reconstrução do mundo e não apenas uma refração ou reflexo.

Sobre as funções de um texto escrito, Fernandes (2007, p. 13) nos diz que

> Escreve-se para ler e lê-se para escrever. Na ação interminável de empreender a interlocução com o outro, os fios se interligam. Assim como as palavras organizadas em frases tecem uma teia, os atores dessa tecitura são a própria teia. Os textos fazem parte do nosso universo e somos, ao mesmo tempo, aranhas tecedeiras e teias incompletas. A nossa civilização está presa aos textos, escritos ou não. Gera-os e precisa deles, pois a sociedade letrada exige que os cidadãos saibam ler e, também, escrever.

Marcuschi (2008, p. 80) considera o texto um evento interativo *que não se dá como um artefato monológico e solitário, sendo sempre um processo e uma coprodução.* O texto, escrito ou oral, é uma forma de interação e deve ser tratado como tal. A produção escrita é, ainda segundo o autor (2007, p. 35) *a materialização de um gênero textual específico, escrito por um determinado autor, tendo em vista um leitor e propósitos e necessidades postos pelas práticas de escrita socialmente construídas.*

Nesse sentido, Antunes (2005, p. 28) afirma que

> Escrever é, como falar, uma atividade de interação, de intercâmbio verbal. Por isso é que não tem sentido escrever quando não se está procurando agir com o outro, trocar com alguém alguma informação, alguma ideia, dizer-lhe algo, sob algum pretexto. Não tem sentido o vazio de uma escrita sem destinatário, sem alguém do outro lado da linha sem uma intenção particular.

Por pensarmos que todo texto é uma forma de interação e, por isso, assume diversas funções dependendo do contexto em que será utilizado é que se propõe a produção textual através do trabalho com gêneros textuais.

Os gêneros textuais, de início, eram distribuídos em três categorias bastante sólidas que, depois, se subdividiram. Hoje, a noção de gênero foi ampliada para todo tipo de produção textual seja ela escrita ou oral. Marcuschi (2006, p. 23) nos diz que

> Essa laicização progressiva da categoria levou a que se diluísse a noção de gênero a ponto de podermos indagar que categoria é essa que chamamos de gênero textual. Mesmo assim, é inegável que a reflexão sobre gênero textual é hoje tão relevante quanto necessária, tendo em

> vista ser ele tão antigo como a linguagem, já que vem essencialmente envolto em linguagem.

Segundo Bunzen (2006), ao tomarmos gêneros como objeto de ensino, estamos adotando um processo de ensino-aprendizagem de língua que oferece ao aluno a oportunidade de utilizar atividades de linguagem que abordem tanto capacidades linguísticas relacionadas à capacidade valorativa da situação comunicativa como, também, capacidades de ação em contexto.

De acordo com Pereira & Pinilla (2006), segundo a perspectiva sóciointeracionista, para se tomar decisões acerca da elaboração de um texto, o agente verbal considera as condições e finalidades de comunicação, ou seja, antes de escrever, o autor busca conhecer quais serão as possíveis utilidades de seu texto. Segundo as autoras (p. 30)

> Isso significa que diferentes gêneros textuais serão escolhidos em função das seguintes características materiais e sociais do contexto situacional: tempo e lugar; relação entre os interlocutores; características e papel social do enunciador e do receptor; objetivos da interação; canal/veículo; grau de formalidade da situação.

De acordo com Lopes-Rossi (2006, p.75) "um projeto pedagógico para a produção escrita deve sempre ser iniciado por um modo didático de leitura para que os alunos se apropriem das características do gênero a ser produzido".

Sobre isso, Lopes-Rossi (2006, p.78) também afirma que:

> A redação a partir de gêneros discursivos exige que o aluno obtenha informações para o texto de forma mais adequada ao gênero em estudo porque sua produção irá circular de fato (...)

1.3 "A REESCRITA É UMA FORMA DE PRATICAR ANÁLISE LINGUÍSTICA"

O título deste tópico é o trecho de uma resposta dada por alguns professores do Ensino Médio de escolas de Jataí a questão "O que você entende por prática da reescrita em sala de aula?" do questionário utilizado nessa pesquisa.

O primeiro a usar o conceito de "prática de análise linguística" no contexto escolar foi J.W. Geraldi, no texto *Unidades básicas do ensino de português*, escrito em 1981. Neste ano, estava no início um movimento de renovação no ensino de língua portuguesa no Brasil. O texto, publicado em 1984, foi amplamente divulgado entre professores e formadores de professores de português na coletânea *O texto na sala de aula* organizada pelo próprio Geraldi. Nesse texto, o autor sugere algumas mudanças na forma de se ensinar português, com base na concepção de que a língua é uma forma de interação. Por isso, o autor sugere que o ensino da língua deva ser feito com a prática da leitura de textos, a prática de produção de texto e a prática da análise linguística (AL). O autor propõe a prática da AL em sala de aula, pois julga que o ensino gramatical só tem sentido se for para auxiliar o aluno na resolução dos problemas referentes ao uso da língua (APARÍCIO, 2006).

É objetivo essencial da AL, segundo Geraldi (1997, p.74),

> A reescrita do texto do aluno. Isso não exclui, obviamente, a possibilidade de nessas aulas o professor organizar atividades sobre o tema escolhido, mostrando com essas atividades os aspectos sistemáticos da língua portuguesa [...] O objetivo não é o aluno dominar

> a terminologia (embora possa usá-la), mas compreender o fenômeno linguístico utilizado.

Para Marcuschi (2008), o aluno chega à sala de aula com sua competência comunicativa já bastante desenvolvida e, por isso, o dever da escola não é ensinar o que ele já sabe e nem reprimir ou desconsiderar as capacidades de interação já instaladas. Nesse sentido, deve se oferecer ao aluno não o ensino de língua, mas os usos da língua e formas não corriqueiras de comunicação escrita e oral. Este trabalho com a língua deve ser feito no contexto da compreensão, produção e análise textual.

OBJETIVOS

O principal objetivo desse trabalho é contribuir com a qualidade de ensino oferecido em instituições de Ensino Médio em Jataí. Como objetivos específicos podem ser apontados:

a) O auxílio aos alunos de Letras do CAJ na melhoria da qualidade de suas produções textuais.

b) investigação sobre como vem sendo trabalhado o conteúdo "gêneros textuais" em sala de aula de EM.

c) investigação sobre a utilização da re-escrita em salas de aula de EM.

Todo resultado desta investigação servirá de subsídio para planejamento de curso a ser oferecido ao professores de Em de Jataí e região

METODOLOGIA

Este trabalho foi dividido em duas partes. A primeira teve como meta buscar compreender como se davam as aulas de produção de textos em escolas públicas e privadas de Jataí, e colher dados que serviriam de base para a criação de um curso oferecido aos professores destas escolas pela UFG/CAJ. Para isso, foi entregue aos professores dessas escolas um questionário com perguntas referentes ao trabalho em sala de aula.

As respostas do questionário entregue aos professores de Língua Portuguesa servirão de subsidio para um curso que será ministrado pela professora Maria de Lourdes Faria dos Santos Paniago previsto para acontecer em junho deste ano a esses mesmos professores do Ensino Médio de Jataí e região. As respostas obtidas no questionário servirão de subsídio para o planejamento do curso.

A segunda parte deste estudo visou investigar as influências da prática da reescrita na melhoria da habilidade em produzir textos escritos dos alunos do curso de letras do CAJ/UFG e, de certa forma, tentar contribuir positivamente na formação acadêmica desses universitários. Para isso, foram oferecidos atendimentos, a princípio, somente aos alunos do curso de Letras do CAJ (inglês e português). De segunda a sábado, eu estava no Campus à disposição dos alunos que precisassem de ajuda para melhorar estruturalmente seus textos.

Nesses atendimentos, os alunos deveriam trazer os textos que lhes eram pedidos em todas as disciplinas do curso e que eles estavam com dificuldade em produzir. A idéia era que o aluno traria o texto feito e, com a prática da reescrita sob minha orientação, ele conseguiria melhorar a estrutura do texto trazido.

Os textos trabalhados nesses encontros eram copiados e arquivados para posterior análise, na qual, foram catalogadas todas as modificações encontradas na reescrita. Os resultados dessa análise foi comparado a estudos já feitos por outros autores que se interessaram por este tema.

RESULTADOS

Neste trabalho, proponho um estudo que segue as perspectivas metodológicas da Linguística Aplicada (LA). Para Moita Lopes (1996), a LA é uma ciência social, pois visa estudar os problemas de uso da linguagem enfrentados pelos usuários da língua no contexto de ensino/aprendizagem ou fora dele. Segundo o autor, a LA é entendida como

> uma área de investigação aplicada, mediadora, interdisciplinar, centrada na redução de problemas de uso da linguagem, que tem foco na linguagem de natureza processual, que colabora com o conhecimento teórico, e que utiliza métodos de investigação de natureza positivista e interpretativista (MOITA-LOPES, 1996 p. 23)

Nesse contexto, foi feita uma investigação para se chegar a uma conclusão a respeito da influência que a prática da reescrita exerceu sobre a habilidade de produzir textos escritos dos alunos de Letras da UFG/CAJ. Minha atenção recaiu sobre as modificações feitas nas seguintes partes constituintes do texto: **parágrafos, períodos, estrutura do texto dissertativo**. A hipótese levantada é a de que o aluno, ao revisar seu texto, faria alterações não apenas de ordem gramatical. Essas alterações teriam como meta não só deixar o texto mais correto gramaticalmente, mas sim, mais coerente com uma melhor representação das ideias do autor.

Os dados para realização deste trabalho foram coletados no Campus de Jataí da Universidade Federal de Goiás em todas as turmas do curso de Letras. Os alunos participaram de atendimentos fora do horário das aulas nos quais recebiam ajuda para reescrever os textos pedidos pelas diversas disciplinas do curso. Estes textos foram copiados e dentre eles alguns foram selecionados para análise.

Dentre os textos analisados, as duas versões apresentadas a seguir servem de exemplo da influência exercida pela reescrita na melhoria da produção textual.

> A banalização do belo (primeira versão)
>
> O que é beleza? Qual é o modelo de beleza perfeita? Há alguns anos as respostas à estas perguntas seriam simples e provavelmente não envolveriam nenhuma tecnologia, pois como dizia o poeta, “a beleza está nos olhos de quem vê”. Mas o passar dos anos impregnou tantos avanços em nossas mentes e vidas que hoje é quase impossível não relacionar beleza com alguma modificação estética, por menor que ela seja.
> Sendo assim, a resposta para as perguntas acima poderia ser: beleza é parecer a atriz da novela das 8. Qualquer que seja a resposta, ela sempre será uma comparação. A beleza natural vem perdendo espaço tanto na mídia quanto na cultura. Atrizes e apresentadoras aparecem cada vez mais esticadas, com lábios mais inflados e olhos mais repuxados. Socialites internacionais torram fortunas em plásticas, lipoaspirações e implantes, e a cada novo procedimento se mostram mais monstruosas e obcecadas. A busca pela perfeição inatingível é tamanha que, quando acabam o dinheiro ou as opções, até óleo de cozinha é injetado no rosto para substituir o colágeno.
> Afinal, vale tudo em nome da beleza, certo?
> Nem sempre. A reconcientização já é uma causa abraçada por algumas áreas da saúde, como a medicina ortomolecular e a nutrição.
> Através de estudos e experimentos, profissionais destas áreas tentam nos mostrar que é possível viver bem sem se mutilar, através de boa

alimentação e exercícios físicos. O bem estar na terceira idade é tão importante quanto no resto da vida.

A real beleza (versão reescrita)

O que é beleza? Qual é o conceito de belo? Existe beleza ideal? E, se existe, esta é desejável? Cada dia mais perguntas acerca deste assunto crescem e dominam a mídia e os nossos pensamentos, nos levando a acreditar que tudo vale a pena quando o objetivo é se tornar mais atrativo aos olhos alheios e aos nossos próprios. O conceito de beleza tem evoluído de tal maneira que é impossível ler algo sobre o assunto hoje e repassá-lo como verdadeiro no próximo encontro com as amigas.
Na década de 60, belo era ter seios fartos e quadris largos. A musa inspiradora pesava mais de 60 quilos, tinha a pele corada e cabelos cacheados, e mesmo assim era o padrão de beleza. O conceito da época era ditado pela naturalidade, pela real beleza. Magreza em demasia era sinal de doença.
Mas hoje em dia tudo mudou. Exemplo claro são as modelos mortas esporadicamente pela inanição alimentar causada pela anorexia.
Exemplo recente é a mais nova miss Austrália, que distribui 48 quilos em 1,80 metros de altura. E não é dizer que exemplos como estes ainda existam por falta de esclarecimento. O problema é a falta de amor próprio, ou talvez excesso dele. A vaidade é tamanha que não leva a pessoa a enxergar o processo de auto-destruição que ela inicia em sua vida. E, infelizmente, o mundo da moda – principal criadouro de modelos cadavéricas – só incha quando elas murcham.
Por outro lado, temos os que não se importam com os quilinhos a mais. Isto seria normal, e até saudável, se não tivesse se tornado a referencia do desleixo e falta de amor próprio. O aluno gordinho é ridicularizado e apelidado na escola, pelos coleguinhas. Aí se frustra e come mais ainda para suprir a rejeição. O vizinho gordinho nunca é chamado para o futebol da rua, porque nenhum time quer o jogador que não consegue correr, e este passa a viver recluso e encontra na comida seu melhor aliado. Ninguém quer namorar a moça gordinha, pois seus amigos caçoarão. Cria-se assim mundos separados por gigantes muros do preconceito.
Para que haja a beleza, é necessário primeiramente que haja a noção de belo. Belo não é ser parecida com a atriz da novela das oito, nem tirar costelas para conquistar a cintura mais cobiçada do bairro, muito menos passar dias a pão e água para entrar no jeans da adolescência. Belo é conhecer cada pessoa e achar na mesma, belas e únicas particularidades. Afinal, como dizia o poeta, “a beleza está nos olhos de quem vê”.

Neste texto, houve um aumento de dois parágrafos na versão reescrita em relação à primeira versão. Isso aconteceu, pois o autor resolveu acrescentar algumas idéias que não estavam presentes no texto anterior. Algumas perguntas que não eram respondidas na primeira produção foram desenvolvidas na reescrita. Esse tipo de observação feita pelo aluno comprova que o mesmo, ao reler seu próprio texto, não se apega apenas a questões de ordem gramatical.

No primeiro parágrafo da versão reescrita, há o aumento da quantidade de períodos em relação à primeira versão. Isso acontece, pois há uma modificação significativa no conteúdo do texto, da primeira para a segunda versão.

Na versão reescrita, o aluno acrescenta algumas perguntas na introdução do seu texto e passa a respondê-las no seu desenvolvimento, ao contrário do que havia feito na primeira versão, quando deixou seu tema desenvolvido sem conclusão.

Com relação à estrutura dissertativa dos textos, pude notar que as modificações apresentadas podem ser fruto de uma melhor análise da primeira versão por parte do aluno.

Segundo Silva (2005), a dissertação é a construção de uma opinião de modo progressivo, a partir da problematização de uma questão. A característica principal da dissertação, segundo ele, é a atenção que se dá ao exame da questão, pela sua relevância, tornando-se inconveniente apresentar imediatamente uma resposta.

Na primeira versão do texto, o autor sugere algumas perguntas que não são respondidas. Ao discutir que *A busca pela perfeição inatingível é tamanha que, quando acabam dinheiro ou as opções, até óleo de cozinha é injetado no rosto para substituir o colágeno,* o autor se esquece de responder às perguntas *O que é beleza? Qual é o modelo de beleza perfeita?* as quais foram propostas no primeiro parágrafo.

Na reescrita, o aluno reestrutura o conteúdo do seu texto para que possa responder as perguntas propostas no primeiro parágrafo e concluir sua dissertação apresentado uma solução para tais problemas. Considero, então, que a versão reescrita apresentou uma melhora significativa em relação à primeira versão no que diz respeito à estrutura dissertativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, visei mostrar os resultados conseguidos através da prática da reescrita no que diz respeito a melhoria da qualidade dos textos escritos por alunos do curso de Letras da Universidade Federal de Goiás/Campus Jataí.

A partir desse estudo, pode-se chegar a conclusão de que a reescrita é uma forma de fazer com que os alunos se autoavaliem e utilizem esse processo não apenas para corrigir desvios de ordem gramatical em seus textos. É evidente que isso não acontece sempre. Algumas vezes, o autor apenas reescreve o que foi marcado na correção feita pelo professor. Quando isso acontece, segundo Serafini (*apud* RUIZ, 2001 p. 51), *há somente correções ocasionais, geralmente limitadas a erros localizados, como ortográficos e lexicais.*

As modificações feitas nas redações reescritas por uma parte dos alunos que participou dessa pesquisa mostram que a leitura e a reflexão acerca do que haviam escrito na primeira versão do texto fizeram com que percebessem os desvios que deveriam ser corrigidos.

Tendo em vista os resultados que cheguei ao decorrer da análise, considero que a reescrita deve ser uma prática constante no Ensino Médio, pois quando chegar à universidade, o aluno já não terá mais em mente a ideia de um texto acabado já na sua primeira versão escrita, se tornará um revisor da própria produção e, assim, se tornará um escritor competente.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Lutar com as palavras:** coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa, 2000.

BUNZEN, C. Da era da composição à era dos gêneros: o ensino de produção de texto no ensino médio. In: Bunzen, C.; Mendonça, M. (Orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006.

DA SILVA, S.R. **A (re)escrita de alunos iniciantes do curso de letras português.** 2005 (mimeo)

FERNANDES, E.M.F. **A escrita e a reescrita:** os gestos da função-autor-leitor. 2007a.

FERNANDES, E.M.F. **A produção escrita e a reescrita:** indícios significativos no processo de produção de textos. Tese de doutorado – Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras. Goiânia, 2007b.

MARCUSCHI, B. Algumas reflexões sobre o texto texto e o texto escolar. In. XAVIER, A.C. (org.) **O texto na escola:** produção, leitura e avaliação. Recife: Ed. do autor, 2007.

MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOITA-LOPES, L.P. **Oficina de linguística aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

RUIZ, E.M.S.D. **Como se corrige redação na escola.** Campinas – SP: Mercado das Letras, 2001.